

## INTERRUPÇÃO NO TEXTO FALADO: QUAIS SUAS MARCAS? QUAL SEU ESTATUTO?

MARIA CECÍLIA SOUZA E SILVA  
MERCEDES FÁTIMA DE CANHA CRESCITELLI  
(PUC-SP, BRASIL)

Este trabalho tem por objetivo tratar da interrupção no texto falado. Comentários sobre ela são tão corriqueiros no dia a dia que se perde a dimensão de sua complexidade, no entanto, trata-se de um fenômeno intrínseco da oralidade, cujas marcas formais e cujo estatuto serão aqui abordados.

Para empreender a pesquisa, utilizamos aproximadamente 80 minutos de gravação, de seis inquéritos de natureza diferente do Projeto NURC (Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta): diálogos entre dois informantes (D 2. 333 - São Paulo e D 2. 05 - Recife), diálogos entre informante e documentador (DID. 161 - São Paulo e DID. 328 - Rio de Janeiro) e locuções formais (EF. 377 - São Paulo e EF. 405 - São Paulo).

Designado como inacabamento, buraco ou vazio, segundo as necessidades e análises de diferentes lingüistas (Grunig, Gülich, 1986), o fenômeno da interrupção tem sido visto na relação do locutor com seu próprio enunciado ou com o enunciado construído pela interferência direta do interlocutor. Conseqüentemente, têm-se considerado *auto-interrupção* (01) casos em que o próprio locutor faz uma parada no seu dizer e *hetero-interrupção* (02) as paradas que são provocadas pela tomada de palavra por parte do interlocutor:

(01)<sup>1</sup>

*Inf. (...) olha O:: Carlitos conseguiu comer um par de sapatos né? ... mas comer a:: a imagem na pedra ia ser bem mais difi/ // precisava de dentes MUITO mais fortes que eu acho que não havia não*

(EF. 405 - linha 227)

(02)

L.1 *que nos mata sobretudo é a pressa é a pressa de cada dia*

L.2 *isso não/ a pressa de cada dia éh éh éh éh:: //*

*é a pressa de cada dia*

L.1 *dessa dessa você não se - livra mais*

L.2 *| ah: isso não*

L.1 *essa é uma consequência da civilização/ mas a gente  
deve parar um pouco então aliás*

L.2 *você pode ter pressa //*

(D 2.05 - linha 210)

A distinção é, muitas vezes, difícil de ser estabelecida empiricamente. Assim, é preciso toda a atenção dos foneticistas<sup>2</sup> para distinguir os casos nos quais há hetero-interrupção daqueles em que o próprio locutor suspende o enunciado por meio de um silêncio (vazio fônico) acompanhado, por exemplo, de uma intensa atividade de procura, relativa àquilo que ele supõe deva ser falado.

Além dessas implicações, também o critério para explicitar o estatuto do fenômeno em estudo não tem sido satisfatório, seja porque, em geral, parte-se do pressuposto de que se trata de um conceito partilhado pelos estudiosos do assunto e, assim, não precisa ser explicado, seja porque ela é considerada sob os olhos da escrita. Coste (1986), restringindo-se à auto-interrupção, considera-a como um fenômeno que se caracteriza não só pelo inacabamento, mas também por qualquer ruptura no desenvolvimento sintático do enunciado, como a provocada por repetições de pequenas palavras (preposições, conjunções, artigos), que são retomadas quer com modificações (03), quer de maneira idêntica (04):

(03)

*Loc - é... a lagosta de lá é muito gostosa... e... e no// em Fortaleza nós  
comemos também muita coisa ligada a mar e peixes assim muito  
gostosos... eles fazem muito preparado... assim...<sup>5</sup>*

(DID. 328 - linha 97)

(04)

*ou a apresentações realmente em cinemas... da capital foi  
apenas uma::// uma realização nossa pra:: mais pra diversão...*

(DID. 161 - linha 59 a 61)

Embora Coste (1986) não tenha definido as marcas formais da interrupção, sua tipologia serviu de base para que Souza e Silva (1995) e Crescitelli & Canolla (1995) iniciassem uma discussão mais sistemática sobre o estatuto do fenômeno.

Exatamente devido a essa lacuna, o resultado dos trabalhos desenvolvidos apontou a necessidade de responder a um questionamento fundante: *afinal, quais são as marcas de interrupção?*

### 1 - Materialização da interrupção

Do ponto de vista empírico, é no nível sintático que encontramos maior consenso para a materialização da interrupção na superfície lingüística, porque é nesse nível que se coloca em evidência um tipo de construção de enunciados que a norma tende a rotular como errado: a falta imediata de constituintes. Postulamos que esse procedimento particular de linearização é formalmente anunciado pelo *corte*:

(05)

L. 1 *olha l... eu...// como você sabe... u::ma pessoa um diretor lá da Folha... certa feita me chamou... e me incumbiu de escrever sobre televisão... o que me parece é que na ocasião... quando ele me incumbiu disso... ele ... que ela ia:... ficar em face de uma recusa...*  
(D 2.333 - linha 03)

(06)

*ora... isso dá a ele... então um poder sobre aquele animal... e no momento que ele é capaz:: de desenhar...// - aqui a única coisa que eu sei fazer é um gato - ... a hora que ele é capaz... de desenhar este animal.. ele é capaz... de desenhar este animal... ele vai ter poder sobre a vida dele*  
(EF. 405 - linha 211)

(07)

L. 1 *as redes... das grandes emissoras cobrem o Brasil inteiro... então... vo// - não sei se vocês acompanharam a polêmica em torno de Gabriela... Gabriela... ah... jornais baianos:... não é? éb:: fizeram... editoriais... a respeito de Gabriela*  
(D 2.333 - linha 74)

#### 1.1 – O corte

Em (05) e (06), há rupturas, *cortes sintáticos*, aqui entendidos como falta imediata de constituintes, manifestados, respectivamente, pela ausência de predicado e de complemento verbal, enquanto, em (07), o *corte* é *lexical*, isto é, a quebra que se verifica ocorre no interior da palavra<sup>1</sup>.

Reunindo as ocorrências levantadas no *corpus* (Quadro I), observa-se a predominância maciça de cortes sintáticos (81,3% x 18,7%), nos três tipos de inquérito:

*Quadro I - Total geral de cortes*

Inquéritos	Total geral de cortes	Sintáticos	Lexicais
<i>DID. 161</i>	35	29	6
<i>DID. 328</i>	36	30	6
<i>D 2. 333</i>	22	17	5
<i>D 2. 05</i>	20	16	4
<i>EF. 405</i>	8	7	1
<i>EF. 377</i>	7	5	2
<i>Totais</i>	128	104	24
<i>Porcentagem</i>	100%	81,3%	18,7%

Além da regularidade apontada, existem duas outras, de natureza quantitativa, que podem ser melhor verificadas quando se desmembram os mesmos dados em três quadros, correspondentes a cada tipo de inquérito (Quadros Ia, Ib e Ic).

*Quadro Ia - Cortes nos DIDs*

Corte sintático	Corte lexical
29	6
30	6

*Quadro Ib - Cortes nos D2s*

Corte sintático	Corte lexical
17	5
16	4

*Quadro Ic - Cortes nas EFs*

Corte sintático	Corte lexical
7	1
5	2

A comparação no interior de cada um dos três conjuntos aponta para uma quantidade bastante similar de cortes sintáticos e lexicais; já a comparação entre os três conjuntos permite perceber que existe a seguinte hierarquia de acessibilidade, em relação à ocorrência dos cortes: DID > D 2 > EF. Nessa

hierarquia, o sinal > indica maior ocorrência de um fenômeno em relação ao que o segue.

A maior ocorrência de cortes nos DIDs contraria as expectativas: era de se esperar que, por se tratar de um diálogo entre informante e documentador, cuja natureza é bastante similar à da entrevista, houvesse menos cortes nesse tipo de inquérito do que nos D2s, evento tipológico com características de conversação espontânea que possibilita, portanto, maior luta pelos turnos. Entretanto, justificam-se os resultados porque os cortes encontrados nos DIDs decorrem de interrupções feitas pelo próprio locutor e não de hetero-interrupções.

Já os textos que compõem as elocuções formais, por se tratar de aulas expositivas e conferências, apresentam um número reduzido de cortes porque o contrato de fala<sup>5</sup> que subjaz a esse tipo de inquérito pressupõe grau maior de planejamento, domínio mais aprofundado do assunto por parte do falante e quase impossibilidade de intervenção dos ouvintes.

### 1.2 - A retomada

Ainda que, à primeira vista, a presença do corte pareça ser um critério suficiente para marcar a interrupção, ele só será pertinente se visto em relação à ocorrência (ou não) de *retomada*. Esse fenômeno, realizado por qualquer um dos falantes, implica dar continuidade a um segmento que estava suspenso (como se estivesse à deriva), por meio de repetições que ocorrem: ① nos níveis sintático e lexical (*repetição da estrutura sintática e repetição do item lexical* - cf. Quadro II - adiante) ou ② no nível semântico (*repetição "semântica"* - cf. Quadro II - adiante).

No primeiro caso, repete-se exatamente a mesma estrutura sintática (08) ou a mesma palavra (09) que havia sido aparentemente abandonada: daí a designação "retomada de maneira idêntica", enquanto, no segundo caso, recorre-se a uma palavra diferente que pertence, no entanto, ao mesmo eixo paradigmático da palavra que ficou em suspenso<sup>6</sup>: daí a designação "retomada de maneira modificada".

(08 e 09)

L. 1 *não eu acho// eu eu gosto de esporte*

L. 2 *[qualquer tipo de esporte é cultura... entendeu? a mim me parece isso*

L. 1 *[ eu não posso ( )*

L. 2 *agora eu acho até// a a acho os meios de comunicação válidos... acho que eles devem ser usados*

(D 2. 05 - linha 279)

Independentemente da natureza do corte - sintático ou lexical -, o fenômeno da retomada pode se manifestar apenas em um dos níveis ou em dois deles simultaneamente, o que explica por que a soma dos índices percentuais, no Quadro II, ultrapassa 100%:

*Quadro II - Marcas formais de retomada*

Marca formal de retomada	Corte sintático
Repetição da estrutura sintática <sup>7</sup>	90,4%
Repetição da palavra (lexical)	67,3%
Repetição "semântica"	15,7%
Marca formal de retomada	Corte lexical
Repetição da estrutura sintática	60,0%
Repetição da palavra (lexical)	70,0%
Repetição "semântica"	25,0%

No exemplo (10), a retomada se manifesta no nível lexical: o locutor repete a palavra *realidade*, enquanto, no (11), ela se dá tanto no nível lexical quanto sintático, conforme comentário explicitado após a menção deste último segmento:

(10)

(...) *outra coisa... é eu falar em es-TI-lo... naturalista... e naturalista aqui realista... isto é: a realidade// a a a... a realidade idealizada MAS a realidade de fato... que vai ser retratada (...)*

(EF. 405 - linha 306)

(11)

L. 1 *os estúdios da Globo... estão no Rio... isso faz com que ... até os paulistas que vão para o Rio...// os artistas paulistas que estão lá...*

L. 2 *[ adotam...*

L.1 *eles começam a adotar... para não ficar diferente... e: uma vez: que:...*

*nós estamos aqui dando um depoimento sobre esse aspecto*

(D 2.333 - linha 60)

Observa-se que em (11), o locutor:

- enuncia o SN (sujeito) da oração principal (*os paulistas que vão para o Rio*) e deixa-o em suspenso;
- retoma o SN (*paulistas*), especificando-o (*os artistas paulistas*);

c) retoma a estrutura sintática de oração adjetiva (*que vão para o Rio*), modificando-a (*que estão lá*);

d) retoma o SN (sujeito) da oração principal agora sob a forma pronominalizada (*eles*);

e) finalmente, completa a oração principal, com o SV (*começam a adotar*).

Assim, *corte* e *retomada* são fundamentais para a análise interpretativa e a caracterização adequada da interrupção como elemento constante e sistemático na língua falada.

### 1.3 - Corte com retomada e corte sem retomada

Em nosso estudo, ao contrário do que dá a entender grande parte da literatura sobre o assunto (Tannen, 1989; Talbot, 1992 entre outros), aproximadamente 90% dos enunciados interrompidos são retomados (Quadro III):

Quadro III - Cortes com retomada e sem retomada

Inquérito	Total geral de cortes	com retomada	sem retomada
D 2. 333	22	18	4
D 2. 05	20	16	4
DID. 161	35	34	1
DID. 328	36	33	3
EF. 405	8	7	1
EF. 377	7	7	0
Totais	128	115 (89,9%)	13 (10,1%)

A retomada pode, à diferença de (10) e (11) não ocorrer imediatamente após o enunciado, conforme o exemplo (12), no qual o locutor deixa em suspenso o SN *eles não*// e só acrescenta o SV *não tem verduras* depois de uma longa explicação.

(12)

Doc. *e... geralmente...quando eles servem o churrasco eles não servem além da/ do alface e do tomate... eles não servem uma coisa picadinha... assim? ( )*

Loc. *é sempre cebola... é... eles não...// não é... eles usam muito só isso... a salada que eles usam com o churrasco é mais cebola e/ agora... eles usam também batata frita... que é diferente da*

*nossa batata frita aqui... a batata frita de lá é redonda e eles usam um processo na hora de fritar que incha a batata... então ela fica gorda... ela fica alta... feito a nossa batata corada... porém ela é... é... é... é oca por dentro... sabe? ... então eles servem muito aquilo com o churrasco... lá eles chamam de papas fritas... não chamam de batata frita... não... mas a falta de verduras a gente sente muito... é... **não tem**... verduras na... na parte da Argentina nós não vimos nada... sabe? se ressentem... a gente se ressentem muito*  
(DID. 328 - linha 239)

Na maior parte dos exemplos dados até o momento, a retomada tem ocorrido no interior do turno, mas esse fenômeno pode também ser observado interturnos, como no exemplo (13), no qual os interlocutores disputam a ocupação do espaço discursivo.

(13)

L.1 *que nos mata sobretudo é a pressa é a pressa de cada dia*

L.2 *isso não/ a pressa de cada dia éh éh éh éh:: //*

***é a pressa de cada dia***

L.1 *dessa dessa você não se - livra mais*

L.2 *| ah: isso não*

L.1 *essa é uma consequência da civilização/ mas a gente deve parar um pouco então aliás*

L.2 *você pode ter pressa //*

L.1 *| quando eu disse ainda há pouco de que o homem o o //*

L.2 ***você pode ter pressa sem ser apressado***

L.1 ***homem precisava //** que o homem precisava de solidão era justamente isso era parar pra meditar:... para conhecer-se... pra decifrar-se quanto mais **a gente***

L.2 ***mas você //** -*

L.1 ***precisa de decifração menos tempo a gente tem para essa auto-análise***

L.2 ***não Ed mas **cê pode** //** não precisa essa auto-análise **você pode** fazer tudo sem ter pressa... ou melhor você **pode ter pressa sem ser apressado...***

(D 2.05 - linha 210)

Nesse trecho, L 2 retoma o fragmento *você pode ter pressa*, após a tentativa de tomada de turno de L 1, acrescentando a seqüência *sem ser apressado*. O mesmo movimento é feito por L 1, que, interrompido por L 2 (*de*



*que o homem oo//*), retoma o enunciado não só repetindo *o homem*, mas também completando o segmento da seqüência, após uma auto-interrupção (*o homem precisava// que o homem precisava de solidão*). Parte desse enunciado é posteriormente reformulado (*o homem/a gente*) e o mesmo verbo (*precisa*) é retomado após outra tentativa de interrupção por parte de L 2, o qual, por sua vez, retoma, também reformulando, o fragmento *mas cê pode // você pode*.

As tentativas de interrupção e a resistência em manter os turnos costumam os enunciados, evitando a ruptura do tecido dialógico e garantindo a progressão temática. Tais procedimentos explicitam o esforço dos interlocutores em colocar e/ou manter em circulação, na interação, o seu ponto de vista.

Esse mecanismo de manutenção do turno também foi observado no exemplo seguinte, no qual L 1 e L 2 se atribuem, por meio da repetição de sintagmas e de orações, direitos de complementação dos enunciados interrompidos pelo outro:

- (14)
- L.1 NÃO NÃO
- L.2 no dia que o povo for conduzido pelos
- L.1 | a cultura // a cultura do povo... //
- a cultura do povo //
- L.2 meios de comunicação por forças dos meios de comunicação //
- L.1 | a cultura do povo está numa exata
- medida de Flávio Cavalcanti...
- L.2 mas porque... porque a televisão está promovendo //
- L.1 noventa por cento do Brasil acha que
- Flávio Cavalcanti é um homem culto
- L.2 mas Ed porque a tele // a televisão está promovendo Flávio Cavalcanti

(D 2.05 -linha 210)

Assim, as tentativas de interrupção (manifestadas na superfície dos enunciados pelo corte) e as retomadas, quer sejam ocasionadas ou não pelo locutor e quer se dêem ou não no interior de cada turno, constituem especificidades do texto falado.

O fato de, tanto em situação monológica (conforme os dois exemplos de EF anteriores mencionados) quanto dialógica *stricto sensu* (os vários exemplos de D 2 e DIDs já comentados), os interlocutores retomarem seus próprios enunciados ou os dos demais interlocutores explica a ocorrência marginal na língua falada de enunciados totalmente interrompidos (apenas 10%, cf. Quadro

III), como os exemplos (15) e (16), nos quais o locutor deixa o enunciado à deriva:

(15)

*inf. será?... pede que idade ela tem? ((risos))... normalmente quando a gente pede para uma criança de por volta de quatro a cinco anos desenhar uma mesa... ela põe o TAMPO:: que ela sabe que existe... ela põe as PERnas para todos os lados... por quê? ora... se ela olhar de um determinado// ela vê duas pernas se ela... andar meio metro ela vê outras duas pernas para todos os lados... por quê? porque ela Sabe que a mesa tem um tampo que é onde ela põe as coisas...*

(EF. 405 - linha 345)

(16)

*L 1 porque o cortador de cana tá lá cortando a cana com o radiozinho de pilha pendurado do lado...*

*então nesse ponto nes...//*

*L 2 [ o mais barato meio de comunicação*

*L 1 eu já disse a você como meio de po-li-ti-za-ção...*

(D 2. 05 - linha 340)

Caracterizadas as marcas formais, podemos dizer que existem dois tipos de interrupção:

(a) a relacionada à *ocorrência de corte* e à *ausência de retomada*;

(b) a relacionada à *ocorrência de corte* e, também, *de retomada*.

## 2 - O estatuto da interrupção

Os dois tipos de interrupção têm em comum o fato de serem fenômenos intrínsecos da oralidade, mas apresentam estatuto diferente: o primeiro deles é um sinalizador de estratégias de construção do texto falado, enquanto o segundo não tem necessariamente essa função.

Começemos com o primeiro tipo: *a interrupção com retomada*. Com função sinalizadora, essa interrupção co-ocorre com as várias estratégias de construção do texto falado (correção, repetição, parênteses e paráfrase) e também com um outro fenômeno intrínseco da oralidade (hesitação):

➡ com correção:

(17)

*L 2 ela não comunica futebol? ela não comunica esportes?  
ela não comunica cultura? por que é que eu não ligo?*

## INTERRUPÇÃO NO TEXTO FALADO

- L 1 *eu não ligo porque ( )*  
| *na minha opinião é o teatro...*  
*vem cá eu eu impugno... acho que ela não comunica*  
*cultura ela comunica // a podia comunicar //*  
L 2 | *comunica subcultura incultura*  
*e falsa cultura podia não / não só podia como devia*  
L 1 *se comunicar não tem público*  
L 2 *tem público... ela teria que preparar o público pra*  
*receber essa boa comunicação*  
(D2.05 - linha 374)

➔ com repetição:

- (18)  
Loc. - *de comer pão... sabe... quando eu como... porque eu sei*  
*queestou engordando... então ((risos)) eu/ // então... eh... eu acho*  
*que a alimentação também é uma coisa...// é uma questão de*  
*hábito... e eu acho que o brasileiro não tem assim bons hábitos à*  
*mesa... principalmente nesses lugares que a gente visita mais pra*  
*cima...*  
(DID 328 - linha 343)

➔ com parênteses:

- (19)  
L 1 - *olha I... eu... como você sabe... u::ma pessoa um diretor lá da*  
*Folha... certa feita me chamou... e me incumbiu de escrever sobre*  
*televisão... o que me parece é que na ocasião... quando ele me*  
*incumbiu disso... ele pensou... que ele ia::... ficar em face de uma*  
*recusa... e que eu ia... esnoBAR ((ri))// - agora vamos usar um*  
*termo... que eu uso bastante que todo mundo usa muito - eu*  
*iria esnobar a televisão... como todo intelectual realmente esnoba...*  
*mas acontece... que eu já tinha visto*  
(D 2. 333 - linha 03)

➔ com paráfrase:

- (20)  
Inf. - *ordem determinada... certo?... então o que nós*  
*estamos verificando aí?... qual... a distân::cia // vamos*  
*dizer qual a posição do resultado desses testes.. em*

*relação... a um:: padrão... de exatidão... certo?...*

(EF. 377 - linha 90)

➔ com hesitação:

(21)

L 1

L 1 *fica ao sabor:: do(...) ao passo que aqui no Brasil eh eh não há um:: nada conceitual - vamos dizer-... a respeito do:: da Fonética não é? ... e:: e não havendo uma codificação não//... eh eh um uma... nada normativo ... ah*

L 2 ( ) do popular

(D 2. 333 - linha 132)

A caracterização da natureza sinalizadora das interrupções com retomada decorreu não só de exemplos como os que acabamos de enumerar (18-22), mas também de um levantamento estatístico, cujo resultado explicitado no Quadro IV mostra que, do total de interrupções com retomada, todos os casos, exceto um, apresentam co-ocorrência com estratégias de construção do texto falado ou com a hesitação:

*Quadro IV - Interrupção com retomada e co-ocorrência*

Total 98,3%		
correção:	37,4%	hesitação: 28,7%
parênteses:	18,3%	
repetição:	18,3%	
paráfrase:	5,2%	

A maior ocorrência desse tipo de interrupção com a estratégia de correção parece ser justificada pelo fato de que possibilita o ajustamento de trajetória. Associar, na seqüência do discurso, os enunciados e suas correções contribui para construir uma imagem dos locutores como pessoas que dominam as estratégias de elaboração do texto falado. Explica-se, assim, a ocorrência desse fenômeno em um *corpus* como o utilizado por nós.

Passemos, agora, à *interrupção sem retomada*, que, diferentemente da anterior, sinaliza as estratégias de construção do texto falado e o fenômeno da hesitação em apenas 46,2% das ocorrências (Quadro V):

Quadro V - Interrupção sem retomada e com co-ocorrência

TOTAL 46,2%		
parênteses:	15,4%	hesitação: 23,2%
paráfrase:	7,7%	
repetição:	0,0%	
correção:	0,0%	

A não ocorrência de repetição e de correção no conjunto das interrupções sem retomada deve-se, parece-nos, a uma tendência dos falantes de fazer a retomada todas as vezes em que lançam mão dessas estratégias.

É possível observar que quando a interrupção co-ocorre com as estratégias de construção do texto falado, parece que ela se dá *com uma finalidade (interromper para quê?)*; já quando ela co-ocorre com a hesitação, fenômeno intrínseco da oralidade, ela se dá *por uma razão (interromper em decorrência de quê?)*.

### 3 - Considerações finais

O enunciado pleno está assimilado à norma, segundo o ponto de vista tradicional, e, conseqüentemente, os enunciados interrompidos são considerados como desvios, como indicadores de falhas de desempenho, eventualmente indesejáveis no que se refere a essa norma. De fato, quando nos detemos apenas à transcrição de textos falados, é comum sentirmos um certo estranhamento, que não ocorre, no entanto, quando ouvimos a fita ou estamos envolvidos em uma situação de fala espontânea. Isso porque as variações de ritmo, velocidade e entonação, além do preenchimento de pausas, sem dúvida, ajudam a preencher os "vazios", que, na verdade, são o pano de fundo do texto falado, e não imperfeições.

Dizer o contrário seria insistir numa posição impossível de ser mantida por vários motivos, já que esse fenômeno:

- é suficientemente regular nos nossos dados para que possamos tratá-lo como um fato isolado;
- evidencia um procedimento de construção dos enunciados que nos obriga a interrogar sobre o funcionamento padrão de linearização dos constituintes;
- realiza um procedimento de linearização particular, mas regular, tanto no que se refere à ausência de constituintes quanto às marcas de retomada;
- não é um "ser lingüístico alienígena" que rompe aleatoriamente a linearidade sintática.

Em outras palavras, os enunciados interrompidos não se caracterizam como sendo próprios a tais e tais indivíduos ou a determinadas situações; pelo contrário, podem ser considerados uma marca de elaboração da própria

oralidade. Resultam do modo de inscrição da linguagem falada no eixo temporal, isto é, indicam a simultaneidade do planejamento e da materialização verbal.

Assim, a interrupção, além de ser muito freqüente, indicia, em geral, outras estratégias que compõem o próprio processo de elaboração do texto falado. Um outro aspecto muito importante é que os enunciados interrompidos e retomados são bem mais freqüentes do que os não-retomados. Como fenômeno sinalizador, a interrupção aponta, ainda, para o caráter reflexivo da linguagem, isto é, para a possibilidade que esta tem de poder olhar para si mesma, de se voltar sobre aquilo que acabou de ser dito ou antecipar o que ainda vai ser proferido.

### Notas

1 Nos exemplos, indicamos apenas o número da primeira linha do inquérito

Símbolos usados na transcrição, além das normas do Projeto NURC	
// (barras duplas)	corde
negrito	retomada

2 Os dados fonético-prosódicos, embora sejam importantes, não são objeto de nosso estudo.

3 As repetições de pequenas palavras, como ocorrem em (03) e (04), configuram hesitações que, no entanto, co-ocorrem com a interrupção.

4 Casos de quebra de palavra também constituem hesitações.

5 Segundo Charaudeau (1983: 50), a "noção de *contrato* pressupõe que os indivíduos que pertencem ao mesmo corpo de práticas sociais sejam capazes de entrar em acordo a propósito das representações linguageiras dessas práticas".

6 Esse processo pode se dar por sinonímia (caso de "ca/ insiste" - D 2. 333 - em que julgamos que se trata de retomada por sinônimo, interpretação autorizada pelo contexto: *carrega/insiste* nos "esses sibilantes) ou por antonímia (caso de "cul/ inculta" - D 2.05 -, analisado como retomada por antônimo: *culta/inculta*).

7 Agrupamos na rubrica "estrutura" tanto as retomadas da estrutura sintática (como no ex. 12) quanto as retomadas do tipo de frase (por ex. frase afirmativa, frase negativa, frase interrogativa).

### Bibliografia

CHARAUDEAU, P. (1983). *Langage et Discours*. Paris, Hachette.

COSTE, D. (1986). "Auto-interruptions et reprises". *DRLAV*, 34-35: 127-139.

CRESCITELLI, M.F.C. (1997). *Disfluência conversacional em falantes cultos (Projeto NURC/SP)*. Tese de Doutorado. São Paulo, FFLCH/USP.

CRESCITELLI, M.F.C. & CANOLLA, C. (1995). "Uma análise do fenômeno da interrupção no discurso oral". In: *Intercâmbio*. São Paulo, PUC/SP-LAEL, pp. 157-164.

GRUNIG, B.N. (1986). Inachèvements. *DRLAV*, 34-35: 1-48.

GÜLICH, E. (1986). L'organisation conversationnelle des énoncés inachevés et de leur achèvement interactif en "situation de contact". *DRLAV*, 34-35: 161-182.

## INTERRUPÇÃO NO TEXTO FALADO

- SOUZA E SILVA, M.C.P. (1995). A interrupção. *Letras & Letras*, 11 (02). Uberlândia, EDUFU, pp. 205-213.
- SOUZA E SILVA, M. C. P. (1997). Enunciados interrompidos: são eles inacabados?. In: BRAIT, B. (org.) *Bakhtin - dialogismo e construção do sentido*. Campinas, Ed. da Unicamp, p. 179-186.
- SOUZA E SILVA, M.C.P. & CRESCITELLI, M.F.C. (1996). Sem querer interromper... e não interrompendo. In: KOCH, I.G.V. (org.). *Gramática do Português Falado*. Campinas, Ed. da UNICAMP/FAPESP, Vol. VI, pp. 149-159.
- SOUZA E SILVA, M.C.P. & KOCH, I.G.V. (1996). Estratégias de desaceleração do texto falado. In: KATO, M. (org.). *Gramática do Português Falado*. Campinas, Ed. da UNICAMP, Vol. V.
- TALBOT, M. (1992). I wish you'd interrupting me!: interruptions and assymetries in speaker - rights in equal encounters. *Journal of Pragmatics*, 18: 451-466, North-Holland.
- TANNEN, D. (1989). *Interpreting interruption in conversations*. Papers from the 25th Annual Meeting of Pragmatics. pp. 266-287.